



A FICÇÃO JORNALÍSTICA NA OBRA CAPITÃES DA AREIA DE JORGE AMADO

Liandra Fenali¹

Marli Paula Vitaliz²

Resumo: O Jornalismo e a Literatura são dois gêneros diferentes, cada um com características próprias. Do encontro dos dois surge o Jornalismo literário, um gênero jornalístico que utiliza de técnicas de ambos gêneros para informar. A ficção jornalística é um subgênero do Jornalismo literário, que utiliza da realidade para dar suporte a narrativa, por meio da verossimilhança. O objetivo desse estudo é compreender de que forma ocorrem os encontros entre realidade e ficção jornalística no livro Capitães da Areia, de Jorge Amado. Para obter o resultado, além de analisar a obra escrita em 1937, e a vida do escritor, também foi necessário estudar as relações entre Jornalismo e Literatura, para compreender como uma obra literária possui características jornalísticas. Com isso, foi possível verificar que Jorge Amado fez uso da verossimilhança para escrever Capitães da Areia, inserindo na história diversos elementos reais. Com base nas observações dos resultados foi possível concluir que os encontros ocorrem por toda a narrativa, todas as vezes que elementos reais, interagem com os elementos que parecem reais.

Palavras-chave: Jornalismo, Literatura, Jorge Amado.

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo literário é formado pela junção do Jornalismo e da Literatura, o que pode ser chamado de gênero híbrido. De acordo com Pena (2013), esse gênero é considerado uma forma de sair dos padrões impostos pelas redações de jornais, e se bem feito, tem o poder de potencializar recursos do Jornalismo. Usando as técnicas da Literatura aliadas as técnicas do Jornalismo, o gênero permite usar da realidade, assim como da ficção, possibilitando informar, entreter e emocionar.

Por meio do Jornalismo literário, é possível permitir que as notícias tenham permanência, além de possibilitar visões mais amplas da realidade. Isso pode acontecer além das páginas dos jornais, alcançando até as páginas de livros como é o caso da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado.

¹ Graduanda em Jornalismo da Faculdade SATC. E-mail: liandrafenali@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Faculdade SATC. E-mail: marli_vitali@hotmail.com



Pena (2013) explica que a ficção jornalística é um dos subgêneros do Jornalismo literário, uma técnica que usa a verossimilhança, ou seja, possui aparência de algo verdadeiro, mesmo se tratando de ficção, sem necessariamente ter compromisso com a verdade, para dar suporte à narrativa. É possível identificar ao longo da obra de Jorge Amado, elementos que se encaixam na definição de ficção jornalística, por isso o subgênero tem destaque neste artigo.

O romance *Capitães da Areia*, de 1937, escrito por Jorge Amado, aborda a realidade de crianças e adolescentes abandonados da Bahia, contando a história de um grupo que vive nas ruas de Salvador e que para sobreviver cometem furtos e delitos.

Esta obra foi escolhida por trazer ao longo do livro matérias jornalísticas ficcionais, que poderiam facilmente ser tomadas como reais. As notícias referentes aos *Capitães da Areia* são publicadas no *Jornal da Tarde*, em forma de reportagens e cartas, que abordam diferentes pontos de vista. Com isso, o autor passa ao leitor uma sensação maior de verdade na narração da história.

No decorrer da obra de Jorge Amado, elementos da realidade e da ficção se misturam, permitindo que exista a questão central deste trabalho: de que forma ocorrem os encontros entre realidade e ficção jornalística no livro *Capitães da Areia*? Abordando assim, o uso da ficção jornalística na obra *Capitães da Areia*. De acordo com Goldstein (2008), o encontro entre ficção e vida real é muito comum nas obras de Amado. “Essa fusão permite ao leitor acompanhar diferentes temas tratados na ficção que, direta ou indiretamente, remetem ao mundo em que vivemos” (GOLDSTEIN, 2008, p. 11). Justifica-se assim, o motivo de usar *Capitães da Areia*, uma obra que possui elementos desse gênero jornalístico, mesclando acontecimentos fictícios com a realidade, para falar sobre ficção jornalística, e conseqüentemente de Jornalismo literário.

Esse estudo quer entender como ocorrem os encontros entre realidade e ficção jornalística na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado. Para isso, a pesquisa é de natureza básica, pois “[...] reúne estudos que tem como propósito preencher uma lacuna no conhecimento” (GIL, 2010, p. 26). Tem sua abordagem qualitativa, já que a conclusão do trabalho é resultado da análise discursiva do conteúdo coletado.

Analisando os procedimentos técnicos, esta pesquisa é: bibliográfica e de estudo de caso. A pesquisa bibliográfica usa, segundo Gil (2010), material já



publicado, em livros, jornais, revistas, teses, dissertações, entre outros. Como acontece neste trabalho, que utiliza de vários documentos falando sobre Jornalismo, Literatura, Jorge Amado, e sua obra *Capitães da Areia*. E por possuir o foco no estudo da ficção jornalística nessa obra, esse trabalho se enquadra na definição de estudo de caso proposta por Gil (2010, p. 37) “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

A análise dos dados será feita com base na leitura do livro *Capitães da Areia*, para poder analisar a presença do Jornalismo na obra literária de Amado. Tendo como foco as matérias publicadas pelo jornal fictício da história, pois a presença desses recortes passa a sensação da verdade que o Jornalismo se compromete em buscar.

2 JORNALISMO E LITERATURA: UM ENCONTRO POSSÍVEL

Ao longo da história o Jornalismo e a Literatura tiveram afastamentos e aproximações, ora ressaltando suas diferenças, ora comparando suas semelhanças. Como resultado da combinação dos dois gêneros surgiu o Jornalismo literário, que possui como vertentes o *New Journalism*, a crítica literária, a biografia, o romance-reportagem, e a ficção jornalística. Esses subgêneros são abordados neste capítulo, porém o último recebe mais destaque por ser o foco do estudo.

Entre o Jornalismo e a Literatura, há muito mais em comum do que o uso das palavras. Porém, encontrar definições para esses gêneros é uma tarefa complicada. No que se refere ao Jornalismo, alguns autores defendem que o homem se comunica desde antes do surgimento da fala. Que os relatos orais foram a primeira maneira de transmitir a informação. Seguido pela invenção da escrita e do papel, até chegar na prensa de Gutemberg³.

Segundo Medel (2002, p. 16) “Jornalismo e literatura são práticas discursivas verbais que mantêm um falso *contencioso* baseado no prestígio de uma ou outra atividade que, apesar dos elementos comuns, mantêm técnicas

³ A prensa de tipo móvel de Gutemberg, inventada no século XV, é considerada um grande avanço, pois facilitou os processos de cópias, que até então eram lentos e trabalhosos. Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/prensa-gutenberg-435887.shtml>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.



diferenciadas”. Dessa forma, o autor expõe que o Jornalismo e a Literatura possuem relações múltiplas e variadas, que além de usar das palavras, também utilizam de estratégias discursivas em comum.

E assim como o Jornalismo possui um motivo para existir, a Literatura também tem uma função justificando sua existência. Lajolo (1984) afirma que a Literatura não existe para transmitir algo; a missão dela em existir é criar coisas, histórias, situações. “Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo que cria, aponta para o provisório da criação” (LAJOLO, 1984, p. 43).

Pinto (2008) explica que nas relações entre Jornalismo e Literatura existem autores, como Amoroso Lima e Antônio Olinto, que classificam Jornalismo como um gênero pertencente a Literatura. Entretanto a maioria dos estudiosos considera os dois conceitos como assuntos diferentes.

Para Acselrad (2015) muitas das diferenças entre Jornalismo e Literatura são apontadas com o objetivo de diminuir o Jornalismo perante a Literatura, como se o primeiro fosse algo menor. É o caso das diferenças apontadas a baixo.

Enquanto a literatura transpõe o real, o jornalismo acredita que traz a realidade em si. Afirma-se também que na literatura há o sentido de permanência, ao contrário do jornalismo, que se prende ao cotidiano; o jornal só dura até a manhã do dia seguinte, ao passo que o livro seria eterno e atemporal. O escritor cria para expressar os próprios pensamentos e visão de mundo, enquanto o jornalista exprime sentimentos e reivindicações coletivas. No processo jornalístico, a finalidade é mostrar com clareza o fato; já na literatura, a linguagem não é tão clara, o fato se esconde do leitor, que fica encarregado de decifrá-lo. (ACSELRAD, 2015, p. 5).

Com tantos acordos e desacordos, a relação entre os gêneros é problemática desde o início de suas existências. Contudo, Medel (2002) resume, dizendo que a Literatura tem como foco o mais *importante* e o Jornalismo se direciona para o mais *urgente*.

Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e frutiva, deve encaminhar-se para o *essencial humano*, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, *circunstancial* [...] (MEDEL, 2002, p. 18).



O Jornalismo e a Literatura são tratados como gêneros diferentes pela maioria dos estudiosos, e possuem muitas diferenças entre eles. Porém, Acselrad (2015, p. 6) afirma que a junção pode resultar em algo bom. “[...] jornalismo e literatura são atividades distintas, mas que se complementam e podem sempre caminhar lado a lado sem uma eliminar a outra”. Um resultado do encontro desses dois gêneros nos textos, é o Jornalismo literário. Uma técnica jornalística que usa das características de ambos.

Encontrar uma definição simples e direta para união do Jornalismo com a Literatura é uma tarefa complicada, visto que não há muitas características em comum aos dois gêneros. Bulhões (2007) afirma que é mais fácil encontrar desacordos do que afinidades entre os dois. Ele define que na prática do Jornalismo, a linguagem é o meio de transmitir a mensagem, ao contrário da Literatura, onde a linguagem é o fim. No exercício do Jornalismo a linguagem serve de meio, para o jornalista exercer seu papel de transmitir a verdade. Enquanto na Literatura a linguagem é o mais importante, é ela quem possui o potencial expressivo.

No Brasil, de acordo com os estudos de Pena (2013), há diferentes formas de classificar o Jornalismo literário. Alguns estudiosos resumem Jornalismo literário à época em que escritores ocuparam as redações publicando folhetins⁴ e exercendo o papel de editor. Enquanto para outros, a classificação do que é Jornalismo literário, é o que Pena e outros chamam de subgêneros deste. Como é o caso do conceito de *New Journalism*, das críticas literárias nos jornais, das biografias, romances-reportagem e a ficção jornalística. Pena (2013), traz a própria definição de Jornalismo literário.

Outro subgênero do Jornalismo literário que Pena (2013) aborda é a biografia, um dos subgêneros mais rentáveis desse tipo de Jornalismo. A qual o autor define como uma combinação de Jornalismo, Literatura e história. Toda a narrativa da biografia busca contar os principais acontecimentos sobre um personagem.

Essas narrativas da vida costumam ser em ordem cronológica na busca por início meio e fim, ou nas palavras de Pena (2013, p. 72): “[...] na ilusão de que eles

⁴ Trechos de um romance publicado diariamente em um jornal. Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=folhetim>. Acesso em: 19 de agosto de 2016.



formem uma narrativa autônoma e estável [...]”. Uma ilusão, pois na biografia de uma vida, é impossível ter toda a realidade presente ali.

Ao contrário da ficção jornalística, que é o foco desse trabalho, no romance-reportagem não pode existir ficção, invenções ou fantasias. Desta forma, Pena (2013), ensina que tudo no romance-reportagem tem base na realidade, porém usa de adereços literários para contar a história.

Nesse tipo de narrativa, o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentar ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais (PENA, 2013, p. 103).

Como visto, cada subgênero desses apresenta sua particularidade, mas todos têm um objetivo em comum, escrever sobre algo da melhor forma possível. Desde a atitude que nasceu no *New Journalism*, as críticas nos jornais, as biografias contando fragmentos de histórias, as verdades nos romances-reportagem e a utilização da realidade como base para ficção jornalística, todos tratam de contar histórias.

Em torno do gênero, Pena (2013) explica que a ficção jornalística se utiliza da realidade na narrativa, sem ter compromisso com a verdade. Para exemplificar melhor como é esse subgênero, ele compara com outro, o romance-reportagem, que faz o caminho inverso da ficção jornalística.

Diferentemente do romance-reportagem, cujo objetivo essencial é a reconstrução fiel dos acontecimentos. Como já disse, ambos acabam trabalhando mais com a verossimilhança do que com veracidade. A diferença está na intenção ou não de fazer ficção. O autor de ficção-jornalística inventa deliberadamente, enquanto o escritor de romances-reportagens está impregnado pela promessa solene do Jornalismo de relatar somente a verdade factual, ainda que isso não seja ontologicamente possível (PENA, 2013, p. 114).

Com isso, Pena (2013) evidencia que sempre dominará uma nova realidade, já que a realidade é construída socialmente. É impossível contar a realidade sem modificar nada, seja no passado ou no presente, pois a informação é julgada pelos sentidos e repassada pela linguagem, que muda de pessoa para pessoa.

Em contraposição a isso, Bulhões (2007) trata de ficção literária, ao invés do termo ficção jornalística, destacando a irrealidade como uma das qualidades mais



sedutoras da Literatura. O autor também deixa evidente que Literatura não se define somente pela presença da fantasia, afinal é possível encontrar ficção em diversas artes. Além de que, diferentemente do Jornalismo, a Literatura não precisa ter preocupação com a contemporaneidade do texto, pois a obra começa a existir para o leitor no momento da leitura. O autor declara que: “A ficcionalidade literária constrói seres e objetos que não existem no mundo empírico, não possuem verdade factual; ou melhor, não possuem o compromisso de assemelhar-se ao mundo factual e empírico” (BULHÕES, 2007, p. 17).

Assim como Bulhões e Pena, Lajolo (1984) escreve sobre essa relação entre verdade e ficção, tratando especificamente da escrita de Literatura, apesar de suas palavras encaixarem na ficção jornalística. “Tudo isso, leitor, para dizer que não precisam ser verdadeiras as histórias que a literatura conta. Aliás, também não precisam ser inverídicas. Tanto faz. [...] Como ficção, como criação, as personagens encarnam o que poderia ter sido” (LAJOLO, 1984, p. 45).

Seja por meio dos elementos reais ou dos elementos ficcionais, o importante na ficção jornalística não é se a história é real ou fictícia. O que importa é que ela poderia ter sido real.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A presença dos elementos reais e de ficção jornalística na obra *Capitães da Areia*, do escritor Jorge Amado, foi o que trouxe esse trabalho até aqui, com o objetivo de chegar na resposta da questão central deste estudo. Para isso, foram estudados os encontros entre Jornalismo e Literatura, aprofundando no Jornalismo literário, mais especificamente no subgênero chamado por Pena (2013) de ficção jornalística. Que de acordo com o autor, é uma técnica que permite o escritor a utilizar de elementos reais, porém com a liberdade de não ter o compromisso com a verdade que os jornalistas devem ter.

Jorge Amado, foi um escritor brasileiro, nascido em 10 de agosto de 1912, em uma fazenda no município de Itabuna, sul da Bahia. Faleceu em 2001, aos 88 anos, deixando de herança para a Literatura brasileira e mundial dezenas de livros. De acordo com dados da Fundação Casa de Jorge Amado⁵, seus livros foram

⁵ Site http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em 14 de maio de 2016.



traduzidos para 49 idiomas, em mais de 50 países, e suas obras tiveram adaptações no cinema, teatro e televisão.

Segundo a Fundação que leva seu nome, além de livros (de romances, infanto-juvenil, memórias e novela), escreveu poesias, contos, bibliografias e até guia de cidade. Jorge Amado conheceu boa parte do mundo, fez amizades com famosos escritores, poetas, cantores, pintores. Ao longo da vida também se interessou pelos cultos religiosos da cultura afro-brasileira. Como afirma Rodrigues (2011), Jorge Amado é um dos maiores escritores brasileiros, reconhecido no mundo e responsável por atrair olhares do mundo todo para o país e em especial para o estado da Bahia.

Durante a adolescência, Amado já expressava seu interesse pela escrita. Conforme consta em “Caderno de Leituras: a literatura de Jorge Amado” (2008), aos 14 anos, o jovem Jorge conseguiu o primeiro emprego como repórter policial no Diário da Bahia. O escritor naquela época também passou pelo jornal “O Imparcial”. Rodrigues (2011) afirma que Jorge Amado trabalhou em jornais e revistas por quase toda sua vida, escrevendo sobre política, conhecidos, críticas, entre outros assuntos. Tendo o Jornalismo como gerador de renda até o momento da glória na Literatura.

De acordo com Rossi (2009), a partir do momento que Jorge Amado passa a fazer parte do PCB, ele ajusta a sua obra de acordo com os ideais do movimento. Assim ele usa do marxismo para analisar a sociedade, conseguindo, de acordo com o autor utilizar as imagens, os valores e os conceitos da militância e transformar isso em Literatura. Nos livros é comum a separação entre duas classes: pobres e ricos, evidenciando que o mundo é dividido entre os dois. Rossi (2009) ainda afirma que os personagens se tornam heróis, somente no momento em que atuam pelos desejos e necessidades da classe que fazem parte.

De modo que se está diante de um mundo ficcional no qual descrições, ações, espaços e personagens parecem ganhar sentido à luz de dois objetivos: de um lado, servir como evidências das desigualdades socioeconômicas e da violência que afligem a vida dos explorados; de outro, enfatizar os aspectos da realidade social através dos quais os indivíduos são percebidos como expressões de coletividades ou grupos dominados mais amplos (ROSSI, 2009, p. 26).

Toda a trajetória de vida do Jorge Amado está refletida no seu modo de ver o mundo, e conseqüentemente nos seus livros. Schwarcz (2009), fala da dificuldade de diferenciar o real da ficção nas obras, por serem personagens que podem ser ao



mesmo tempo pessoas do cotidiano de Salvador, algum conhecido ou grande amigo de Jorge, quanto um ser totalmente fictício. “Seus amigos se destacam como personagens principais nas histórias; seu convívio familiar vira matéria de romance; sua visão da história parece metáfora; sua experiência social escorrega para o enredo e ganha vida na trama de cada obra” (SCHWARCZ, 2009, p. 35).

O sexto livro de Jorge Amado, “Capitães da Areia”, conta a história de um grupo de crianças e adolescentes abandonados na cidade de Salvador. Conforme o histórico da Fundação Casa de Jorge Amado, “Capitães” foi escrito entre março e junho de 1937, começando na cidade de Estância, Sergipe, sendo finalizado dentro de um navio enquanto o autor rumava ao México. A primeira edição foi lançada em setembro do mesmo ano. Porém, os exemplares foram apreendidos pela polícia, já que o lançamento ocorreu na época da implantação do Estado Novo⁶, regime fortemente anticomunista.

De acordo com os dados da Fundação, a primeira edição do livro, de setembro de 1937, foi publicada pela editora Livraria José Olympio Editora e continha 344 páginas. Com capa feita por Santa Rosa⁷. Em 1944, a segunda edição foi lançada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, contendo ilustrações de Poty Lazzarotto⁸. A partir da 39ª edição a obra passou a ser publicada pela Editora Record, do Rio de Janeiro. Em 2007, foi publicada a 123ª edição de Capitães de Areia, sendo 82ª publicada pela Editora Record, contendo 272 páginas.

Capitães da Areia é dividido em três partes. Porém, as primeiras páginas do livro são dedicadas para as “Cartas à Redação” que apresentam o grupo de crianças e adolescentes por meio de recortes de um jornal. A primeira parte do livro leva o nome de “Sob a Lua num Velho Trapiche Abandonado” e é dividida em 11 subcapítulos. Nessas páginas, o dia a dia do grupo é mostrado para o leitor, assim como os personagens principais da história.

Já a segunda parte do romance, “Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos Teus Olhos” conta com oito subcapítulos. Esta parte do livro tem como foco a

⁶ O Estado Novo foi um regime político criado por Getúlio Vargas em novembro de 1937, resistindo até outubro de 1945. O período foi marcado por autoritarismo, censura, anticomunismo e nacionalismo. Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>. Acesso em: 29 de agosto de 2016.

⁷ Tomás Santa Rosa Junior foi um figurinista, cenógrafo, ilustrador, pintor brasileiro, entre outras funções. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5506/santa-rosa>. Acesso em: 12 de setembro de 2016.

⁸ Napoleon Potyguara Lazzarotto foi um ilustrador, desenhista e muralista brasileiro. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazzarotto>. Acesso em: 12 de setembro de 2016.



personagem Dora. É relatado sua entrada no grupo, a aproximação como mãe e irmã de vários meninos, e também seu romance com Pedro Bala. É descrito a separação dos personagens, enquanto Bala sofre no reformatório, e Dora adocece no orfanato. No final da segunda parte, os dois voltam ao trapiche, tem uma primeira e última noite de amor e a menina falece.

Por fim, a terceira e última parte do livro, “Canção da Bahia, Canção da Liberdade”. Com oito subcapítulos, o final da história se dedica a contar o desfecho de cada personagem. Pode-se dizer que alguns dos Capitães tiveram o final feliz com o qual imaginavam, porém nem todos conseguiram. Voltam a aparecer recortes do Jornal da Tarde, para mostrar os caminhos traçados pelos famosos Capitães da Areia.

Ao olhar com atenção para essas crianças abandonadas descritas por Jorge Amado, é possível acreditar que elas são reais, que existem histórias parecidas espalhadas pelo país. E de acordo com Moraes (1977), isso dá força a narrativa. “A força do livro está não só na maneira de contar do autor, mas também no fato de sabermos que os personagens existem e que o menor abandonado continua sendo o grande problema do Brasil” (MORAES, 1977, p. 44).

No Brasil, de acordo com os dados de uma pesquisa⁹ feita pelo Governo Federal em 2011, existiam mais de 23 mil crianças e adolescentes vivendo nas ruas no Brasil. A pesquisa abrange apenas 75 cidades (com mais de 300 mil habitantes). No ranking das cidades com mais crianças vivendo nas ruas, a Bahia ocupou o terceiro lugar.

Assim as obras do escritor possuem, segundo Forget (2003), realidade social que sensibiliza os leitores. “Em suma, o literário sintetiza tomadas de posição do autor ao mesmo tempo em que lhe oferece uma apreensão estética e argumentativa que lhe é própria” (FORGET, 2003, p. 17).

Como Gomes (1981) mostra, o livro possui uma narrativa realista, onde o narrador, de forma crua e lírica, busca mostrar que a marginalização e o crime são frutos das desigualdades sociais. Na obra, Amado interpõe reportagens jornalísticas de um jornal intitulado “Jornal da Tarde” (fictício) com o restante da narrativa. Nessas reportagens é exposta a questão dos menores abandonados sobre diversos pontos de vista.

⁹ Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/23-mil-criancas-ainda-vivem-nas-ruas-no-brasil-epp6r1bvnylr1impam9dv7426>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.



Sobre o jornal fictício da trama, Goldstein (2008) acredita que o nome possa ser alusivo ao nome de um dos jornais mais tradicionais da Bahia, o jornal “A tarde”, ou ainda, que possa ser uma referência a um jornal de São Paulo que também é chamado de “Jornal da Tarde”.

“As aventuras sinistras dos “Capitães da Areia” – a cidade infestada por crianças que vivem do furto – urge uma providência do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia – ontem houve mais um assalto” (AMADO, 2007, p. 3). É com essa linha de apoio, abaixo do título “Crianças Ladronas” que o grupo Capitães da Areia é apresentado para o leitor, por meio da primeira matéria do Jornal da Tarde no livro.

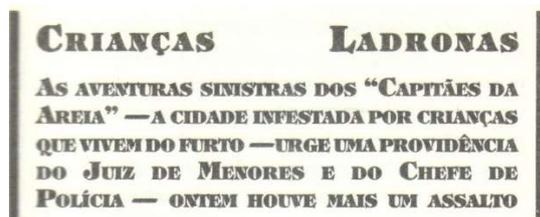


Figura 1: Crianças Ladronas e suas aventuras
Fonte: Amado (2007, p. 3)

O livro Capitães da Areia foi escrito e publicado durante a primeira fase de Jorge Amado, e trata de um assunto que além de continuar atual, aborda uma questão social muito importante no país: a realidade das crianças e adolescentes que vivem nas ruas. A história fala especialmente de um grupo nomeado Capitães da Areia, que vivem em um trapiche¹⁰ velho, nas areias de Salvador. Porém, em alguns momentos da história é citada outras crianças de rua, como Raimundo, o antigo líder dos Capitães, que perdeu o cargo para Pedro Bala.

Também fala de um outro grupo, pequeno e desorganizado quando comparado aos Capitães. “[...] Topara com Ezequiel, chefe de outro grupo de meninos mendigos e ladrões, grupo muito menor que o dos Capitães da Areia e muito mais sem ordem. Ezequiel vinha com uns três do grupo, inclusive um que fora expulso dos Capitães da Areia por ter sido pegado furtando um companheiro” (AMADO, 2007, p. 179).

O Jornalismo literário, de acordo com Pena (2013) não separa a ficção em um lado e a realidade no outro, como lados opostos, do mesmo modo que não escolhe

¹⁰ Lugar destinado para deixar embarcações de pequeno porte, também serve para embarque e desembarque, ou simplesmente como um lugar para conseguir pescar. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/trapiche/>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.



por entreter ou informar. Para o autor, o gênero trata de verossimilhança, de uma narração onde os dois lados se misturam. Assim como *Capitães da Areia* combina realidade e ficção, entretenimento e informação, o livro também utiliza da verossimilhança como elemento narrativo.

Moraes (1977) declara que o livro possui força ao falar das crianças e adolescentes abandonados, pois o tema ainda é um grande problema da nossa sociedade. Os personagens descritos por Jorge Amado podem não ser reais, porém é fato que existem milhões de crianças e adolescentes na mesma situação espalhados pelo mundo. Assim, fica evidente que o livro tem como tema central um elemento real. As crianças e adolescentes que vivem na rua que Jorge Amado descreve, continuam existindo na Bahia, no Brasil, no mundo inteiro. Vale destacar que a presença do jornal na história também é um elemento real, já que, de acordo com Pinto (2008), a imprensa que surgiu no século XV, ainda continua sendo um marco para a história, e permanece existindo até hoje. Assim o jornal, e consequentemente o Jornalismo tem o papel de ser o discurso de verdade na obra.

Tratando as crianças como criminosos, a matéria relata o roubo que elas fizeram na casa de um comendador. Logo no início, o jornal se coloca como o defensor dos desejos da sociedade baiana, e durante a publicação utiliza de diversos adjetivos positivos para falar do comendador, da sua casa, e de seu neto “[...] tem onze anos e já é dos ginásianos mais aplicados [...]” (AMADO, 2007, p. 6). Além disso, ao falar do juiz de menores e do chefe de polícia o jornal os trata com muita reverência, para pedir a eles que resolvam o problema castigando as crianças como delinquentes.

A segunda matéria é uma carta do secretário do chefe de polícia, respondendo que a polícia não merece críticas porque, por se tratar de crianças, só pode agir após ordens do juizado de menores. A carta é publicada na primeira página.

Em seguida é a vez do juiz de menores dizer que não possui a culpa. Para dizer isso ele elogia o jornal, trata com cordialidade o chefe de polícia, e se descreve como uma pessoa que se dedica inteiramente para o bem da sociedade. Pode-se notar esse comportamento na seguinte frase: “Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas funções do meu espinhoso cargo [...]” (AMADO, 2007, p. 8). O juiz declara que a desculpa do chefe da polícia não é verdadeira. Na justificativa do juiz de menores ele declara que sua função não é capturar as crianças, e sim indicar o ambiente para o qual as crianças e adolescentes



serão encaminhados após sua captura. Na trama esse lugar é o Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados.

Então, aparece a terceira carta, desta vez escrita por uma mãe de um menino que passou seis meses no reformatório. A costureira pede para que o jornal mande algum repórter disfarçado para ver o que realmente acontece no reformatório. Maria Ricardina informa que “O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive caindo de bêbado e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres” (AMADO, 2007, p. 10). Além de declarar que prefere ver o próprio filho junto dos Capitães do que na instituição. A carta dessa mãe é publicada entre os anúncios, sem nenhum destaque, como se o depoimento dela não merecesse atenção.

Em seguida, está a carta do padre José Pedro, onde afirma as declarações sobre a violência com que as crianças são tratadas no reformatório, feitas pela costureira Maria Ricardina. Essa carta é segundo Amado (2007), publicada na terceira página do jornal, com o título de “Será Verdade?”, questionando a veracidade da informação do padre e da costureira.

José Pedro aparece em vários momentos na história, e sua presença na trama traz um elemento real, a religiosidade. Assim como as passagens da mãe de santo, Don’Aninha. A diferença das religiões dos dois não tinha importância, já que, a amizade era mais importante “O chefe dos Capitães da Areia ia pouco aos candomblés, como pouco ouvia as lições do padre José Pedro. Mas era amigo tanto do padre como da mãe-de-santo, e entre os Capitães da Areia quando se é amigo se serve ao amigo” (AMADO, 2007, p. 87).

Os dois representam o catolicismo e candomblé no texto, mostrando a Bahia da qual Prandi (2009, p. 57) fala: “Uma Bahia acima de tudo sincrética, povoada por negros, mulatos e brancos que se ajoelham nas igrejas e dançam nos terreiros, com a mesma devoção e total sinceridade”.

Por fim vem a carta do diretor do reformatório, que primeiramente, desmerece a crítica feita pela mulher do povo, e depois culpa o Padre como provocador do caos no reformatório. Em seguida convida o jornal a visitar a instituição desde que seja na segunda-feira, “E se não digo que venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume



nunca me afastar do regulamento” (AMADO, 2007, p. 14). Junto com a publicação da matéria há a informação de que na próxima segunda o jornal vai visitar o reformatório.

Ao comparar essas notícias do início do livro, já é possível perceber o tratamento diferenciado do jornal com as fontes. Além de dar mais importância e destaque para as fontes oficiais, o jornal até questiona as palavras do Padre José Pedro. Um comportamento que chama atenção, é que o jornal não fala os nomes das fontes oficiais, apenas os chama pelo cargo, e ainda faz uso de reverência extrema.

Bulhões (2007) explica que com o passar dos anos a escrita da notícia foi encaminhada para uma direção. “Formulou-se, então, uma espécie de arcabouço geral para orientar a escrita do texto noticioso, marcada pela precisão e homogeneização da linguagem, com a expulsão de qualquer componente considerado acessório ou decorativo” (BULHÕES, 2007, p. 16). Porém, em algumas passagens das notícias no livro, pode-se notar que o Jornal da Tarde faz uso desses elementos decorativos, justamente para dar mais veracidade ao discurso dominante, contra os Capitães da Areia. O uso desses “acessórios” não descaracteriza o texto jornalístico, e sim o aproxima de uma escrita mais literária. Como no trecho a seguir.

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados comerciantes desta praça, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos “Capitães da Areia” (AMADO, 2007, p. 4).

É possível concluir que o Jornal da Tarde, não cumpre inteiramente com a missão do Jornalismo, sobre a qual Bulhões (2007) fala, de registrar e guardar os momentos da vida, como um testemunho da realidade. “Com isso, prestaria – ou desejaria prestar – uma espécie de testemunho do “real”, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo” (BULHÕES, 2007, p. 11).

O jornal da história narra a realidade, informa a existência de grupo de crianças e adolescentes vivendo nas ruas, relata os crimes que elas cometem, mas em nenhum momento ele busca informações para explicar o motivo delas estarem nas ruas. Não é questionado o porquê de elas não viverem sob os cuidados de pais amorosos, de não frequentarem escolas, de não terem uma casa para morar, ou comida para se alimentar todos os dias.



Além disso, ao cobrarem soluções para a situação, não é pensando no bem dos abandonados, o único desejo é “[...] uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias” (AMADO, 2007, p. 6).

Assim, através das crianças e dos adolescentes são apresentados mais elementos reais que povoam a história. Como por exemplo o motivo que os levaram a rua e conseqüentemente ao ingresso no grupo. O herói da história, Pedro Bala, ficou órfão da mãe aos seis meses de vida, e o pai morreu quando ele ainda tinha cinco anos; João Grande perdeu o pai em um acidente; Sem Pernas fugiu da casa de um padeiro que chamava de padrinho, mas que o batia frequentemente; Dora e seu irmãozinho perderam os pais por conta da varíola. Motivos que vão ao encontro dos fatores nomeados pelas relatoras especiais da ONU, “Essas crianças estão escapando da pobreza, de moradias inadequadas, famílias desestruturadas, violência doméstica, desalojamento, desastres naturais, conflitos e guerras”¹¹.

É importante lembrar que o próprio cenário do livro é um elemento real, os personagens do livro desfilam pelas ruas de Salvador durante toda a história, tornando ainda mais difícil separar o que é pura Literatura e o que é realidade. E as pessoas que Jorge conhecia também eram transformadas em personagens, de acordo com Schwarcz (2009).

Suas personagens são pessoas retiradas das ruas de Salvador; a Bahia que descreveu foi aquela dos costumes misturados, dos credos cruzados e das gentes de muitas cores e mistérios. Sua ficção é repleta de atores tão reais como imaginados e seu mundo de romance é povoado de um universo a um só tempo pessoal e partilhado socialmente. (SCHWARCZ, 2009, p. 35)

Outro elemento real que surge na história entre o final da primeira parte e início da segunda parte do livro é surto de varíola¹², que atinge a cidade e diversos personagens. A doença aparece no livro com os nomes alastrim e bexiga, pois tem diferença na gravidade. Além disso, é fortemente relacionada com o deus Omolu, do candomblé.

Omolu tinha mandando a bexiga negra para a cidade alta, para a cidade dos ricos. Omolu não sabia da vacina, Omolu era um deus das florestas da África, que podia saber de vacinas e coisas científicas? Mas como a bexiga já estava

¹¹ Retirado de: <https://nacoesunidas.org/abandonadas-e-descartadas-mais-de-150-milhoes-de-criancas-vivem-nas-ruas-alertam-especialistas-da-onu/>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

¹² A varíola é uma doença infectocontagiosa, transmitida através do contato com pessoas doentes ou objetos que entraram em contato com a saliva ou secreções destes indivíduos, causando febre alta, dores, coceiras e feridas na pele, em forma de bolhas. A doença foi erradicada por volta dos anos 70. Fonte: <http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Seresvivos/Ciencias/biovirus9.php>. Acesso em 24 de outubro de 2016.



solta (e era a terrível bexiga negra), Omolu teve que deixar que ela descesse para a cidade dos podres. Já que a soltara, tinha que deixar que ela realizasse sua obra. Mas como Omolu tinha pena de seus filhinhos pobres, tirou a força da bexiga negra, virou em alastrim, que é uma bexiga branca e tola, quase um sarampo (AMADO, 2007, p. 133).

O destino para quem tinha essa doença era conhecido por lazarento e causava medo na população, pois quem era levado para lá não costumava sobreviver. Jorge Amado traz a informação de que os jornais da época falavam sobre uma epidemia, e sobre a importância da vacinação¹³. Nenhum dos Capitães, assim com os demais personagens pobres da história tiveram acesso a essa vacina. Além disso, o texto diz que “Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem à Saúde Pública os casos de varíola que conhecessem, para o imediato recolhimento dos variolosos aos lazarentos” (AMADO, 2007, p. 139).

Dois Capitães contraíram a doença: o primeiro foi Almiro, e a descoberta do problema gerou caos no grupo, pois eles estavam divididos sobre como proceder. Alguns achavam que deviam deixá-lo na rua para ser levado pelos agentes de saúde para o lazarento. Porém, com o auxílio do Padre, Pedro Bala e grupo decidiram levar o menino para a família da qual tinha fugido. A mãe dele aceitou, porém, o médico para o qual o padre pediu ajuda, os denunciou, e Almiro foi levado para o lazarento. Depois dele, Boa Vida contraiu a doença, e decidiu ir para o lazarento por conta própria. Contudo, o personagem volta ao grupo curado.

As matérias sobre os Capitães só voltam a aparecer na segunda parte do livro, anunciando a captura de Pedro Bala. Em dois momentos durante os textos são lembradas as matérias do início do livro, concluindo que obtiveram sucesso na campanha para pegar os Capitães. De acordo com o livro, a manchete ia de um lado ao outro da página. Destacando a importância da conquista.

Em decorrência da presença dessas matérias ao longo da história, é possível perceber que existe em todo o livro uma intensa relação intertextual, entre o jornal e o livro. Além de uma relação interdiscursiva entre Jornalismo e Literatura. Ao longo da reportagem, é relatada a tentativa de furto que levou a captura de Pedro Bala e Dora, e a estratégia do líder que permitiu a fuga dos amigos. Também narra que a única informação do rapaz, foi sobre ser filho de um grevista, enquanto a menina

¹³ Em 1904 a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola causou a Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro, sendo uma das maiores revoltas populares até então. Fonte: <http://super.abril.com.br/historia/oswaldo-cruz-e-a-variola-a-revolta-da-vacina/>. Acesso em 24 de outubro de 2016.



revelou seus planos de casamento com Bala, sendo descrita como ingênua, e que o orfanato a faria esquecer seu “romântico noivo-bandido”. A publicação termina com respostas do diretor do reformatório para o jornal.

O texto também traz a seguinte informação “Quanto a Pedro Bala, será recolhido ao Reformatório de Menores logo que a Polícia consiga que ele declare qual o local onde se esconde o grupo. A polícia tem grandes esperanças de consegui-lo ainda hoje” (AMADO, 2007, p. 188). Porém, não é descrito como pretendem arrancar a confissão do líder. Nas linhas seguintes, que não fazem mais parte da matéria, Jorge Amado escreve que após os jornalistas irem embora da delegacia, o menino recebe uma longa série de golpes. Mas não diz nenhuma palavra, pois acredita no seu papel de líder de proteger os outros Capitães. No final do capítulo, os Capitães da Areia enchem o trapiche de risadas ao lerem a manchete do Jornal da Tarde sobre a fuga de Pedro Bala.

Essa é a primeira vez que o jornal busca obter a opinião dos Capitães, mas mesmo assim o objetivo está mais para alcançar confissões do que buscar o outro lado da história que o Jornalismo deveria fazer. Com a reportagem falando da prisão de Pedro Bala e de Dora, fica evidente o posicionamento do jornal a favor da classe rica da Bahia. Enquanto os Capitães da Areia, e todos os personagens que o cercam, são representantes da classe pobre.

Rossi (2009) explica que essa divisão do mundo entre pobres e ricos nos livros de Amado serve para mostrar a realidade social, onde os ricos são exploradores e os pobres são explorados, evidenciando ainda mais a desigualdade entre as duas classes antagônicas. Eles tratam das crianças e dos adolescentes de rua, principalmente dos Capitães, como problema das ruas da cidade, buscam sua captura, mas não pensam em modos para evitar que mais crianças e adolescentes vivam na rua.

Ao comparar o espaço e a importância que o Jornal da Tarde dá as fontes oficiais e as pessoas “importantes” da sociedade baiana, com o espaço dedicado aos Capitães da Areia, é possível notar que as crianças e adolescentes em situação de rua são invisíveis para o jornal e conseqüentemente para a sociedade. Apesar de o grupo ser assunto recorrente no informativo, eles são sempre tratados com problema, o objetivo nunca é conhecer a realidade deles, abordar o tema por outro ponto de vista, olhar de forma mais humana para as crianças e adolescentes que chamam de



ladrões. No final da terceira parte é narrado o desfecho dos personagens, e alguns dos Capitães chamarão atenção e ganharam destaque no jornal.

Após verificar todas essas passagens do Jornal da Tarde no livro, percebe-se que as notícias são apresentadas de diferentes formas. Algumas têm apenas o título, outras trazem a linha de apoio, e por fim algumas vezes a informação é trazida no meio do texto, contada nas palavras do narrador. O uso dessas matérias no livro acrescenta ao enredo a aparência de algo real. E conforme Goldstein (2008) Jorge Amado usou as matérias jornalísticas para dar mais realidade ao livro. Ou seja, ele fez uso da verossimilhança. E pela busca da aparência de real, que Jorge Amado usa as matérias. Respondendo assim um dos objetivos específicos desse trabalho, que é compreender o contexto do uso das notícias do jornal.

Vale destacar que segundo Pena (2013), a ficção jornalística também faz uso desse recurso. Usar de algo que parece real, verdadeiro, como apoio para a narrativa de alguma história. Com isso, pode-se dizer que o livro Capitães da Areia, faz uso de uma técnica fundamental para a ficção jornalística, a verossimilhança.

Ao final da análise, fica evidente que os elementos reais apresentados durante o livro são variados. Indo desde o tema (realidade das crianças e adolescentes vivendo nas ruas e o motivo que as fazem chegar a isso) até o fato de a obra possuir trechos de reportagens e notícias como parte da narrativa da história. Do mesmo modo, o cenário de Capitães da Areia também é um elemento real, a cidade de Salvador.

A realidade e a ficção estão mescladas em todas as obras de Jorge Amado. Essa afirmação tem base em Goldstein (2008, p. 11) “O encontro entre vida real e ficção percorre grande parte da obra do autor”. Usando isso, o autor permite ao leitor perceber na ficção, a realidade que nos cerca direta ou indiretamente.

O indivíduo pode não conviver com essa realidade, mas o texto se tornará real no momento que for realizada a leitura da obra. Ou, nas palavras de Bulhões (2007, p. 18): “Afinal, uma obra literária passa a existir para nós no momento em que realizamos sua leitura, não importando, nesse sentido, se foi escrita no século XX ou no século XII”.

Assim, o livro inteiro é um encontro da ficção jornalística com a realidade. Um conjunto harmônico de elementos reais e verossimilhança. Esses encontros ocorrem quando a realidade, representada por meio dos cenários da Bahia, dos



recortes de jornal, das mortes causadas pela varíola, da fascinação de Volta Seca pelo cangaceiro Lampião, da religiosidade dos personagens, e interage como os elementos da ficção jornalística que parecem reais. Tais como os personagens principais baseados nas crianças de rua, as trajetórias de vida deles, as greves relatadas no livro, as instituições que aparecem na história. Afinal de acordo com Pena (2013) a ficção jornalística usa muito mais verossimilhança do que a veracidade, construindo, sempre, uma nova realidade.

No final, como disse Lajolo (1984), o importante não é se a história é real ou fictícia, e sim o fato de que a obra possa ter sido real. Não importa se os Capitães da Areia descrito por Jorge Amado existiram ou se foi tudo invenção do escritor baiano. Desde antes da época da história, até hoje, ainda existem as crianças e os adolescentes que vivem na rua e que podem dar forma verossímil a história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo literário mostra um modo do Jornalismo utilizar técnicas da Literatura para ir além de transmitir a notícia da melhor forma possível, e sim contar boas histórias. A obra Capitães da Areia não é uma produção jornalística. Porém, ao longo da trama, há diversos recortes de jornal, que abordam um problema real. Através da análise, ficou evidente que há diversos elementos reais na história, começando pelo tema da obra: as crianças e adolescentes abandonadas, que ainda continuam a existir no mundo todo. Assim como os motivos que levaram os Capitães à rua, também são reais os motivos que continuam a fazer crianças no mundo todo abandonar os lares e terem a rua como casa. O cenário da trama também é um elemento real, a cidade de Salvador está lá, pronta para receber a visita de quem quiser conhecer a cidade do escritor baiano. As notícias do jornal, que aproxima a história do universo jornalístico é outro elemento real, que continua a existir na sociedade. O fato das crianças e adolescentes em situação de rua na história serem tratados apenas como problema nas páginas policiais, traz em evidência de que eles são invisíveis nas demais questões.

A apresentação do texto informativo ocorre da seguinte maneira: de 15 notícias retidas do Jornal da Tarde, apenas duas matérias estavam na íntegra, as demais eram trechos das reportagens, ou apenas títulos e linhas de apoio. Um fato



que chamou atenção foi a informação de que a notícia possuía fotos (que não existem no livro), para informar isso Amado usa o termo “clichê”. Se as fotos estivessem presentes nas páginas do livro permitiria ver os Capitães da Areia na forma que Amado os imaginou.

Foi possível perceber que as matérias são usadas para dar a história a aparência de algo real. Por meio das notícias do Jornal da Tarde, Jorge Amado usa de algo aparentemente real para dar mais força a narrativa. A resposta desse último objetivo específico possui relação com a resposta do objetivo geral do trabalho. A aparência do real, ou seja, a verossimilhança é o que permite os encontros entre ficção jornalística e a realidade por toda a obra. Como é possível observar na resposta do primeiro objetivo específico, existem muitos elementos reais na história, e o que não é real, parecer ser. E para ficção jornalística, é isso que importa.

O livro de Pena (2013) é a principal referência desse trabalho, por ser um dos poucos autores que escreveu sobre ficção jornalística. De acordo com o escritor, quem escreve ficção jornalística não tem preocupação nenhuma em contar somente a verdade, o subgênero permite a liberdade de escrever o que desejar. Porém, toda a realidade pode servir como parte da história, todos os elementos reais podem ser utilizados para deixar algo ficcional muito semelhante a realidade. Por isso, é possível concluir que mesmo Capitães da Areia sendo uma obra literária, o livro poderia facilmente ser considerado uma obra de ficção jornalística. Afinal, por mais que Jorge Amado tenha ganhado reconhecimento mundial como escritor, o Jornalismo também faz parte da sua história e da sua carreira.

Fazer esse trabalho deixou ainda mais evidente que o Jornalismo literário é algo que desejo levar comigo, em minha profissão. Usar de uma narrativa com mais detalhes, com mais profundidade, e quem sabe conseguir manter histórias reais por mais tempo no imaginário e na vida de quem ler, assim como fiquei após ler Capitães da Areia. Após essa extensa experiência acadêmica, posso ser sincera em dizer que a admiração por Jorge Amado e sua história, assim como o desejo de conhecer as ruas de Salvador vão permanecer em mim por muito tempo.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Marcio. **As fronteiras entre os campos do jornalismo e da literatura**. 2015. Disponível em:



<<http://ojs.unifor.br/index.php/rh/article/view/4750/3785>>. Acesso em: 7 de agosto de 2016.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 123. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BRAGA, Suely. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Estado Novo**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>>. Acesso em: 29 de agosto de 2016.

CARRIEL, Paola. Gazeta do Povo. **23 mil crianças ainda vivem na rua no Brasil**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/23-mil-criancas-ainda-vivem-nas-ruas-no-brasil-epp6r1bvny1r1impam9dv7426>>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

DICIONÁRIO informal. **Trapiche**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trapiche/>>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

DICIONÁRIO Michaelis Online. **Folhetim**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=folhetim>>. Acesso em: 19 de agosto de 2016.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Poty Lazzarotto**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazzarotto>>. Acesso em: 12 de setembro de 2016.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Santa Rosa**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5506/santa-rosa>>. Acesso em: 12 de setembro de 2016.

FORGET, Danielle. Introdução. OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de; SOUZA, Lícia Soares de. **Heteroideidades**: Jorge Amado em diálogo. 2. ed. Feira de Santana: UEFS, 2003.

FUNDAÇÃO Casa de Jorge Amado. **Biografia**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75> Acesso em: 14 de maio de 2016.

FUNDAÇÃO Casa de Jorge Amado. **Obras**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=148&lang=pt&obra=806&start=6#obra>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.



GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org). **Caderno de leituras**: A Literatura de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Álvaro Cardoso. AMADO, Jorge. **Jorge Amado: seleção de textos**. Notas, estudos bibliográficos, histórico e crítico e exercícios por Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Abril Educação, 1981.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984

LINARDI, Fred. Guia do Estudante. **A prensa de Gutenberg**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/prensa-gutenberg-435887.shtml>>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.

MEDEL, Manuel Ángel Vazquez. Discursos literários e discursos jornalísticos: convergências e divergências. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MORAES, Lygia Marina. **Conheça o escritor brasileiro Jorge Amado**: textos para estudantes com exercícios de compreensão e debate. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ONU, Nações Unidas no Brasil. “**Abandonadas e descartadas: mais de 150 milhões de crianças vivem nas ruas**”, alertam especialistas da ONU. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/abandonadas-e-descartadas-mais-de-150-milhoes-de-criancas-vivem-nas-ruas-alertam-especialistas-da-onu/>>. Acesso em 19 de outubro de 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Márcia de Oliveira. **O jornalismo como gênero literário**. 2008. Disponível em: < <http://periodicos.uern.br/index.php/contexto/article/viewFile/45/43>>. Acesso em: 7 de agosto de 2016.

PRANDI, Reginaldo. **Religião e sincretismo em Jorge Amado**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org). **Caderno de leituras**: A Literatura de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RODRIGUES, Luciana Ribeiro. **Jorge Amado, o poeta das putas e dos vagabundos**. 2011. 107 folhas. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://issuu.com/casadejorgeamado/docs/monografia_m_dia_e_literatura_-_jorge_amado_o_poet/7?e=1738061/3027040>. Acesso em: 14 de maio de 2016.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **A militância política na obra de Jorge Amado**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org). **Caderno de leituras**: A Literatura de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O artista da mestiçagem**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org). **Caderno de leituras**: A Literatura de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SÓ BIOLOGIA. **Variola**. Disponível em:
<<http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Seresvivos/Ciencias/biovirus9.php>>.
Acesso em 24 de outubro de 2016.

VIEIRA, Cássio Leite. Superinteressante. **Oswaldo Cruz e a variola: a revolta da vacina**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/oswaldo-cruz-e-a-variola-a-revolta-da-vacina/>>. Acesso em 24 de outubro de 2016.